

A FOLHA

NOVA IGUAÇU, 01 DE FEVEREIRO DE 1976

A NATUREZA É A NOSSA CULTURA

De um discurso do Presidente do Zaire:

"O subdesenvolvimento tem as suas vantagens. Podemos nos alegrar em especial por não termos cometido alguns erros que as nações "desenvolvidas" amargamente deploram. Não temos complexo de inferioridade por não podermos mostrar aos nossos visitantes catedrais e outros altos monumentos arquitetônicos. Porque a herança que nos legaram os nossos antepassados é a beleza natural do nosso País. São os nossos rios caudalosos e cursos d'água, nossas florestas, nossos vulcões e nossas planícies. Numa palavra: a Natureza é a parte integrante, inseparável e real, do nosso ser peculiar. Por isso recusamo-nos a seguir cegamente o caminho dos países "desenvolvidos" que querem a produção a qualquer preço. A produção bruta, com frequência, realmente embrutece, no sentido espiritual.

Acreditamos consistir a nossa tarefa principal em dirigir os 21,5 milhões de cidadãos e cidadãs do Zaire de modo que vivam em paz e felizes. Não cremos que a paz e a felicidade dependam do número de carros na garagem, das antenas de televisão no telhado ou do volume de barulho nos ouvidos, que os técnicos denominam de "ainda suportável". Quem não conhece a sabedoria do velho lavrador em sua aldeia, que cresceu e trabalha na quietude da Natureza? E quanto sofrimento humano vemos provocado pela irritabilidade e agressividade nos países intensamente industrializados; elas impregnam a alma e o corpo do indivíduo. Nós, cidadãos do Zaire, lemos horrorizados que numa cidade como Nova York o habitante com 25 anos de idade começa a ficar meio surdo. A um lavrador acontece isso só lá pelos setenta, portanto no período de vida em que a paulatina diminuição do barulho no mundo exterior torna possível a concentração interior — um ensinamento que ao mesmo tempo prepara o último período da existência terrena. Que adianta possuir inúmeras fábricas, se as suas chaminés dia e noite despejam em cima de nós as suas substâncias tóxicas e, embora ricos, andaríamos com uma máscara contra gases no nariz e acabaríamos esmagados pelo fardo da própria riqueza. Não desejamos possuir nenhuma dessas indústrias deletérias que com seus detritos matam os peixes dos nossos rios e privam o homem da alegria de pescar ou mesmo do simples prazer de beber água potável.

Muito bem conhecemos o contra-argumento de que onde grassa a poluição cresce também a indústria de combate à poluição — como flores num monte de esterco. Mas já que o veneno exige o contraveneno, não compreendemos nós, os cidadãos do Zaire, que prazer pode proporcionar o fomento da poluição só para depois fabricar antídotos. Por que não devemos preferir a priori os benefícios da vida natural? — quan-

do ficamos sabendo que os pensadores das próprias sociedades industriais pretendem abandonar a ambição pelo produto social bruto, máximo possível — em favor do *verdadeiro* bem-estar nacional.

Portanto, dificilmente causaremos aos Senhores surpresa ao incrementarmos nossos esforços no sentido de tornar o Zaire — nosso formoso país — um paraíso da Natureza. Não vamos matar crocodilos para fabricar luvas, sem promover previamente estudos de comportamento na biologia desses répteis, notadamente no caso de começarem a se tornar raros. Tampouco permitiremos a um turista visitar sem guia os nossos parques nacionais e desviar seu automóvel das estradas de rodagem. Pois queremos que haja no Zaire um refúgio onde os homens possam encontrar a Natureza intacta ainda quando os cientistas tiverem transformado o mundo dos organismos naturais num produto técnico artificial! Nós protegemos as nossas águas e em particular o rio Zaire, porque nem uma posterior despoluição de um rio completamente poluído lhe restituiria a sua pureza e virgindade originais.

Quando nós próprios assim nos comportamos, exigimos que todo mundo haja da mesma forma, porque alguns danos são transferíveis. Hoje em dia não basta mais varrer na frente da própria porta para se estar seguro contra a imundície. Pois quando as firmas erigem em determinados lugares chaminés altíssimas, contando com as condições de ventos para espalhar os gases venenosos, na realidade empurram a sua imundície para o lado dos vizinhos. As precipitações das bombas atômicas que explodem na atmosfera não se distribuem no sentido vertical. E tem que ser contaminada por elas a pobre gente que nada tem a ver com o assunto? Em tudo aquilo pensamos, ao pregarmos sobre a genuinidade africana — a Natureza pura do Zaire. Realço aí a nossa genuinidade africana. No entanto, quero deixar claro que temos de aceitar o conceito de "desenvolvimento", mas filtrando-o segundo nosso próprio modo de pensar e os nossos próprios conceitos de valores. Está claro que também nós procuramos o crescimento econômico. Mas sabemos também realizá-lo de maneira humana e adaptá-lo a nosso modo de pensar. Queremos dotá-lo de uma sensibilidade pela Natureza, sem que o progresso econômico, mais cedo ou mais tarde, acarrete a decadência do homem. Aqueles que se encontram na fase de industrialização estão correndo, constantemente, o perigo de empobrecerem e de se desnortarem em vários rumos. Talvez amanhã a riqueza de um povo seja medida pelo seu empenho a favor da *conservação da Natureza*, do seu ambiente natural. Numa palavra: *pela capacidade de conseguir conservar a sua própria alma*".

CATABIS & CATACRESES

COMO É QUE PODE, DR. CORÇÃO?

1. O ilustre Dr. Roberto Marinho publicou um profundo artigo intitulado "Dom Eugênio, o pastor" no qual artigo diverge essencialmente do seu colaborador das quintas e sábados Dr. Corção. Enquanto o global teólogo aproveita a global tolerância para desancar bispos e padres e papa, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Concílio, o tolerante Dr. Marinho acende uma vela em sentido contrário. Como é que pode?

2. Comentando a "agitação em São Paulo" (este o título exatamente, "O Globo", 20-11-75), o Dr. Corção menciona

um "Sr. Evaristo Arns que se diz Arcebispo da Arquidiocese de São Paulo e Cardeal da Igreja Católica". O Dr. Corção tá duvidando?

3. Que está, está. Tanto assim que mais adiante esclarece o público: "Se a opinião pública de São Paulo ainda precisa de mais argumentos para se envergonhar do Arcebispo que lhe inculcam, receio já ter esgotado meus recursos para demovê-lo de sua indiferença ao que está sendo feito com as coisas santas". Entenderam? "Que lhe inculcam"? Quem é que inculca, Dr. Corçãozinho?

O DEMÔNIO NÃO É SENHOR DO MUNDO

Zé Baiano me disse que "o demônio anda solto". O mundo está cheio de maldade, explicou ele, e todas essas coisas ruins que acontecem por aí são obra de satanás". Na opinião dele é o diabo que está por trás de todos os assassinatos do esquadrão da morte, de todos os desastres da Dutra, de todas as doenças que os médicos não conseguem curar. É o grande adversário e responsável por todos os males. Passa vinte e quatro horas a planejar maldades e a tentar os homens para executá-las. É muito astuto e perdido, não tem piedade nenhuma dos outros nem respeito para com o criador, cuja obra vive perturbando e destruindo.

Este modo de pensar de Zé Baiano vem de muito longe. Também o povo do tempo de Jesus Cristo via o demônio por toda a parte. Ele torturava os corpos e os espíritos, embrutecia as pessoas, apoderava-se delas, provocando doenças, loucuras, desmaios, paralisia, rebeliões e muitas coisas mais opostas à paz individual e comunitária. Os Evangelhos falam de um

número impressionante de possessos, homens e mulheres, de todas as idades e de todas as classes. No início de sua pregação, Jesus Cristo foi, no sábado, à sinagoga de Cafarnaum, aí tomou a palavra e o povo o escutava com muita admiração, quando um homem possesso do espírito mau o interrompeu, em nome de todos os diabos. É um demônio fanfarrão. Opõe-se à missão de Jesus, desafiando a sua autoridade, que reconhece muito bem e que não pode negar: — "o que o Senhor quer de nós? O Senhor veio para nos destruir? Sei muito bem quem o Senhor é".

O espírito mau é destituído de graça e de amor, mas não de inteligência, por isso reconhece pelos milagres que a glória e a força de Deus estão em Jesus Cristo, mas sua fé não o liberta. É uma aceitação que enche de ódio e de desgosto.

O demônio não é senhor do mundo, como parece pensar Zé Baiano, mas um invasor, um intrumetido. Não é de admirar

pois que, antes mesmo do povo, tenha sido o primeiro a reconhecer que Jesus era "o Santo mandado por Deus".

"Todos ficaram espantados... Ele manda até nos espíritos maus e eles obedecem". Apesar de Jesus ter imposto silêncio ao homem de espírito mau — "cale a boca" — a fama dele se espalhou por toda a Galiléia. Ele queria evitar esta publicidade. Ela desperta o fanatismo, falsa esperança messiânica que resulta depois em frustração e incompreensão. Os possessos do Evangelho não são, em geral, homens que cometeram algum grande pecado. São doentes de tal modo perturbados, no corpo e no espírito, que parece se tornaram pessoas diferentes. A enfermidade manifesta neles de modo mais visível a mísera situação da condição humana que Jesus veio libertar. Por isso, a cura, a libertação dos possessos são utilizadas como sinal do poder que tem Jesus de desalojar o mal onde mais se manifesta sua presença, isto é, na doença e na morte.

1º DE FEVEREIRO DE 1976 — 4º DOMINGO COMUM

1. CANTO DE ENTRADA

1. Vamos caminhando lado a lado, / somos teus amigos, ó Senhor. / Tua amizade / é nossa alegria, / por isso te louvamos com amor.
2. Cristo é modelo de amizade, / pois nos deu a vida por amor, / dele recebemos / força e alegria / para nos doarmos ao irmão.
3. Seja o nosso encontro com o Pai, / um sinal da nossa união, / para que, vivendo / nós a sua graça, / levemos paz e amor aos corações.

2. ACOLHIDA

P. A vós graça e paz da parte de Deus e de Jesus Cristo que por sua vinda ao mundo nos abriu o caminho da salvação, não por causa de nossos merecimentos, mas por causa de sua misericórdia.
T. Deus é amor e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele.
P. Jesus Cristo se opôs ao formalismo e à hipocrisia. Não é um rito, uma promessa, um voto, um despacho que purifica o homem. O que purifica é a humildade, a fé, o amor.
T. Que ele conceda à sua família, aqui reunida, generosidade e perseverança, a fim de permanecermos unidos como irmãos. Amém.

3. RECONCILIAÇÃO

P. A doença e o sofrimento fazem o homem intranquilo, inseguro. Na doença, sentimos a fraqueza e fragilidade de nossa condição humana. Muitas vezes a doença é consequência direta do pecado. Quantos não perderam a saúde por embriaguez e gula. Quantas crianças raquíticas e operários nos asilos por causa da subnutrição, das condições injustas de trabalho. O ódio, o orgulho, a inveja e outros ví-

cios têm poder destruidor que repercute até no corpo do homem. (Silêncio).
Reconheçamos nossos pecados e confessemos nossa culpa, rezando juntos o ato de contrição:

T. Confesso a Deus todo-poderoso e a vós, irmãos, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa. E peço à Virgem Maria, aos Anjos e Santos e a vós, irmãos, que rogueis a Deus Nosso Senhor.

P. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

T. Amém.

4. ORAÇÃO

P. Oremos: Onipotente e Eterno Deus, que nos destes por Jesus Cristo a possibilidade de renascer e triunfar do pecado, nós confiamos na vossa misericórdia e no vosso perdão. Renovados pelo auxílio de vossa graça, aproximamo-nos com alegria do altar para oferecer o sacrifício do Corpo e Sangue de Vosso Filho Jesus Cristo.

T. Amém.

5. PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

P. Louvor, glória, sabedoria, ação de graças, honra, força e poder ao nosso Deus pelos séculos dos séculos. Amém (Apc 7,12).

T. Eu bendirei ao Senhor sempre e em toda parte.

P. Louvai ao Senhor nosso Deus, servi ao Senhor com alegria.

T. Eu bendirei ao Senhor sempre e em toda parte.

P. A terra inteira cante ao Senhor e lhe dê glória, honra e louvor.

T. Eu bendirei ao Senhor sempre e em toda parte.

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

T. Eu bendirei ao Senhor sempre e em toda parte.

6. I LEITURA

(Do Livro do Deuteronômio 18, 15-20):

«Moisés falou ao povo, dizendo: 'O Senhor, teu Deus, fará surgir do teu meio, dentre os teus irmãos, um profeta igual a mim: escutá-lo-eis'. É o que pediste ao Senhor, teu Deus, em Horeb, no dia da assembléia, dizendo: 'Que eu não torne a ouvir a voz do Senhor, meu Deus, e que não veja mais este grande fogo, para não morrer'. E o Senhor me disse: 'Fizeram bem em falar assim. Farei surgir dentre seus irmãos um profeta como tu, e porei minhas palavras na sua boca, e ele lhes comunicará tudo o que eu lhes ordenar. Aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele dirá em meu nome, terá de prestar contas a mim. Mas o profeta que tiver a ousadia de dizer em meu nome aquilo que não lhe ordenei dizer, e aquele que falar em nome de outros deuses, tal profeta morrerá'. — Palavra do Senhor.

7. II LEITURA

1Cor 7,32-35: «Eu quero livrá-los de preocupações. O solteiro se interessa pelo trabalho do Senhor,

porque quer agradá-lo. Mas o homem casado se interessa pelas coisas deste mundo, porque quer agradar sua mulher, e por isso é puxado para duas direções diferentes.

Quanto às mulheres, tanto as viúvas como as solteiras, elas estão interessadas no trabalho do Senhor, porque querem se dedicar de corpo e alma a ele. Mas a mulher casada se interessa pelas coisas deste mundo porque quer agradar o marido.

Digo isto porque quero ajudá-los. Não estou querendo atrapalhar ninguém. Ao contrário, quero que vocês façam o que é direito e certo, e que se entreguem ao serviço do Senhor com toda a dedicação». — Palavra do Senhor.

8. CANTO DE MEDITAÇÃO

Estribilho: O amigo bom e fiel / vale mais que um tesouro.

1. Quem ama a Deus de coração / também terá excelente amizade.
2. Pois o seu amigo, pela vida / procura ser semelhante a quem ama.

9. III LEITURA

Mc 1,21-28: «Jesus e os discípulos chegaram à cidade de Cafarnaum e, logo no sábado, Jesus foi ensinar na casa de oração. As pessoas que o escutavam ficavam muito admiradas com a maneira de ele ensinar. É que Jesus ensinava com autoridade dele mesmo, e não como os professores da Lei. Nesse instante apareceu ali um homem que tinha um espírito mau. Ele gritou:

— Que é que o senhor quer de nós, Jesus de Nazaré? O senhor veio para nos destruir? Sei muito bem quem o senhor é! É o Santo mandado por Deus!

Jesus ordenou ao espírito mau:

— Cale a boca, e saia desse homem. Então o espírito sacudiu o homem com violência, e com um grito saiu dele. Todos ficaram espantados e perguntaram:

— Que quer dizer isto? Será que ele ensina alguma coisa nova? Ele manda até nos espíritos maus e eles obedecem.

Por isso a fama de Jesus se espalhou depressa por toda a Galiléia».

10. PROFISSÃO DA FÉ

P. Creio em um só Deus, / Pai todo-poderoso, / criador do céu e da terra, / de todas as coisas visíveis e invisíveis.

T. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, / Filho Unigênito de Deus, / nascido do Pai antes de todos os séculos:

P. Deus de Deus, Luz da Luz, / Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; / gerado, não criado, consubstancial ao Pai.

T. Por ele todas as coisas foram feitas P. E por nós, homens, e para nossa salvação, / desceu dos céus; / e se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, / e se fez homem.

T. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; / padeceu e foi sepultado. P. Ressuscitou ao terceiro dia, / conforme as Escrituras; / e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai.

T. De novo há de vir, em sua glória, / para julgar os vivos e os mortos; / e o seu reino não terá fim.

P. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado.

T. Ele que falou pelos profetas. Creio na Igreja, una, santa, católica, apostólica.

P. Professo um só batismo para a remissão dos pecados.

T. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém.

11. PRECES DA COMUNIDADE

P. Invoquemos o Pai, todo-poderoso, para que escute com bondade nossas humildes súplicas.

Para que a Igreja cresça na caridade e guarde na unidade todos os seus membros, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece.

P. Para que o crescimento da riqueza social, o progresso material e a procura do bem-estar não beneficiem a alguns poucos com prejuízo para a maior parte, sobretudo os trabalhadores rurais e urbanos, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece

P. Para que nossa fé não seja passiva, mas empenhada na luta pelo mandamento da caridade, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece.

P. Oremos: Senhor, concedei a todos que se dedicam ao vosso serviço a alegria e a paz, como recompensa de seu trabalho apostólico. Amém.

12. CANTO DO OFERTÓRIO

Estribilho: No teu altar, Senhor, / coloco a minha vida em oração.

1. A alegria de te amar e ser amado / quero em tuas mãos depositar.

2. O desejo de ser bom e generoso / faz-me viver com mais amor.

3. Os amigos que me destes e que são teus / tudo entrego a ti, Senhor.

13. ORAÇÃO DAS OFERENDAS

Recebei, Senhor, a oferta que vos fazemos do pão e do vinho, frutos de nosso trabalho e símbolo da união dos que crêem como nós. Nós vos pedimos que todos aqueles que procuram a verdade e lutam pela paz perseverem na retidão e possam realizar sua esperança de vida. Amém.

14. CANTO DA COMUNHÃO

Estribilho: Com amor eterno eu te amei / dei a minha vida por amor / agora vai também: ama o teu irmão.

1. Já não somos servos, mas os teus amigos / à tua mesa nos sentamos para comer deste pão.

2. Que nossa amizade se estenda a todos / pois o Cristo nos ensina que o amor é dom total.

3. Terá a recompensa até um copo d'água / o amor que é verdadeiro se traduz em gesto e vida.

4. Cristo partilhando sua graça e vida / quer que unidos a vivamos também entre os irmãos.

5. Se permanecermos no amor de Cristo / viveremos sua mensagem de esperança e alegria.

6. O pão de alegria nos alimentou / que ele seja nossa força e nos sustente a caminhada.

15. ORAÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS

Senhor, tendo partilhado do corpo de Cristo na comunhão, mesmo alimento distribuído a todos, sem distinção de raça ou de fortuna, possamos caminhar juntos, como irmãos. De tal modo observemos a justiça que a retidão da vida presente seja um penhor de vida eterna. Amém.

16. CANTO FINAL

Estribilho: Senhor, eu vou-me embora / comigo vais também. / A minha vida agora, / maior sentido tem (bis).

1. Agora eu aprendi / como se deve amar / sem reservar pra si quando se deve dar. / Foi a lição que vi (3 vezes). / Foi a lição do altar.

2. Amigo é quem dá / dá sua vida pelo irmão / doutrina forte é que se dá / ao cristão. / Mas não caminha só (três vezes) / quem come deste pão.

LEVE A FOLHA PARA LER EM CASA

IMAGEM DEDUTIVA

1. Deduzir o quê, compadre? se eu nem sei o que é deduzir. E o compadre Severino tenta explicar pro zédasilva, filhote mal criado do Mobral, o sentido profundo, prático da expressão vigente — deduzir 10% do imposto de renda. Aí zédasilva, o cordato e humilde, quis explicações sobre imposto de renda. Sim, que ele sabe o que é imposto, que é o que o governo cobra do povo, né? Que ele também sabe o que é renda, não tem aquela da muié rendera, a muié qui fais renda e bico? Agora, compadre, que é que é imposto de renda?

2. Compadre Severino tinha seus fumos de cultura. E aos trancos e barrancos aprendeu a lidar com temas econômicos, dessa economiazinha chifrim que nada deve ao professor Delfim, que desconhece o professor Gudin, que sobrevive a todos os grandes mestres das imensas fortunas e das ocultas rendas, que gemendo ri de todas as teorias de inflação e deflação, de recessão e corrupção, de contratos e riscos. E o mais que a vã filosofia pensa. Compadre Severino recolhe dados, concentra idéias, simplifica termos. Já te explico, zé, pobre zé!

3. Mas antes que explique, entra ele mesmo a deduzir. E deduz espantos: que o Mobral é uma ficção do patriotismo desocupado; que a dedução do imposto de renda é uma dolorosa ficção das grandes imensas rendas; que a vida profissional do pobre zé é uma ficção da economia nacional; que a existência mesma do zé, chocho, apagado, sem cor é uma ficção da própria filosofia existencial. E mais deduz, olhando o zé apagado e chocho. E olhando o zé que é puro e pobre, deduz que deve calar. Sabe, zé, deduzir é danado de difícil, tá? (A. H.).

MINISTÉRIO DA PALAVRA

Socialismo: Um tema atual

Princípios — Um tema atual: o Socialismo — Um mundo dividido, uma casa dividida — Capitalismo ou Socialismo? — Estatização — Um exemplo a imperfeição das coisas humanas e dos sistemas políticos.

A FOLHA:

O Socialismo tem hoje grande importância no mundo inteiro, como ideologia e como sistema político. Haverá inconveniente de tratarmos este assunto?

D. ADRIANO:

Não há inconveniente nenhum. Um jornal, como o nosso, que quer orientar e formar, partindo do evangelho e da doutrina da Igreja, que fala em primeiro lugar para cristãos ansiosos da verdade, que não está comprometido com qualquer ideologia senão somente com a mensagem de Jesus Cristo — procuramos cumprir nossa missão com humildade e firmeza — um jornal como "A Folha" deverá tratar de todos os assuntos que interessam os leitores. A escolha concreta — qual o assunto que interessa agora? — não será sempre fácil. Quanto ao Socialismo, é inegável que sempre teve grande importância e mais ainda hoje em dia quando, na teoria e na prática, significa sem dúvida nenhuma a alternativa para o Capitalismo. Alternativa válida?

Tocamos um ponto interessante.

Não é apenas o mundo político internacional que está hoje dividido: de um lado o irmão grande e poderoso que chamamos Estados Unidos da América do Norte, arrogando-se o papel de mentor do mundo ou pelo menos dos chamados países capitalistas. Do outro o irmão grande e poderoso que se chama Rússia, também ambicioso de tomar conta do mundo e já agora dos chamados países comunistas. O mundo inteiro, que passou a ser uma aldeia global onde tudo se comunica facilmente através do rádio, da televisão e da imprensa, está dividido. Se falamos do Terceiro Mundo ou dos países não alinhados, é indiscutível que esses países vivem numa constante tentativa de aderir àquele irmão grande e poderoso que der mais, que responder com mais generosidade aos apelos econômicos dos políticos.

Mas não é só o mundo político internacional. Dentro de casa há também divisões sérias. Pelos mais diversos motivos há os que se decidem pelo Capitalismo e há os que se decidem pelo Socialismo, ambos como filosofia da vida e como praxe política. E não se trata apenas de uma opção intelectual. Não, as opções conquistaram a emotividade, atingiram o âmago mais profundo do ser humano, de tal sorte que qualquer discussão sobre Capitalismo ou sobre Socialismo descarrega agressividade e paixão.

Entre nós o sistema vigente quer ser confessadamente capitalista, ou melhor, neocapitalista, embora típicos representantes da mentalidade liberal-capitalista como, por exemplo, o Prof. Eugênio Gudin e outros menores declarem guerra ao que chamam de estatização crescente da vida brasileira, numa linha (julgam) socializante, a mais socializante de todos os países capitalistas. Recentemente o editorial da revista "Visão" — campeão do privatismo econômico e, logo também, da guerra à estatização — escrevia entre outras coisas: "Não se entenda ser a posição desta revista a de convivência com o comunismo. Essa ideologia exótica deve ser combatida. Com a razão porém. Deve ser anulada, extinguindo-se os focos que geram o comunismo. Um desses focos, se não o principal, é o processo de estatização apoiado historicamente pelos comunistas, pois permite gerar o capitalismo de Estado, regime que caracteriza a economia fechada soviética" ("Visão", 10.11.75). Com outras palavras: o editorialista, que é o proprietário de "Visão" e um grande executivo de São Paulo, faz uma ginástica ideológica notável e descobre que o regime político brasileiro atual é tremendamente estatizante e por isso foco de subversão e de comunismo. Cito este exemplo para mostrar como o tema atingiu a faixa da emoção, impedindo portanto a reflexão calma e conduzindo a todo tipo de interpretação viciosa.

Para nós o tema Socialismo, como qualquer outro tema, pode e deve ser tratado. Podemos tentar também um confronto entre as duas chamadas opções do mundo moderno — Capitalismo e Socialismo. E, esperamos, com objetividade porque estamos convictos — lição da filosofia e da história — que não há perfeição absoluta nas coisas humanas nem sistema político que definitivamente resolva os problemas existenciais. Voltaremos ao tema.

A FOLHA

Ano 4 - 1º de fevereiro de 1976
Nº 193

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262.
Caixa Postal 22.
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311
de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.